

# PALOP na 'mira' da Pares Advogados

A nova sociedade abriu as portas há três meses, mas já tem mais de 200 clientes, muitos oriundos de Angola e Moçambique

**SARA RIBEIRO**  
sara.ribeiro@sol.pt

A PARES Advogados quer implementar um novo conceito de advocacia no mercado: maior proximidade com os clientes, sem ter em conta apenas a taxação horária. Como explica João de Freitas e Costa, um dos sócios do novo escritório, «queremos impulsionar um novo modo de olhar a advocacia e o relacionamento com os clientes, de forma mais directa».

A nova sociedade abriu as portas há três meses e tem como fundadores antigos sócios e juristas da Abreu Advogados. Um dos motivos que levou os fundadores da Pares Advogados a aventurarem-se neste novo projecto foi «precisamente o facto de não nos identificarmos com as políticas praticadas na antiga sociedade», conta João Freitas e Costa.

Além das actividades jurídicas



João de Freitas e Costa

consideradas *core* – como direito comercial, financeiro, laboral e contencioso –, a Pares Advogados também vai apostar nas áreas de ordenamento do território, ambiente e contratação pública. Áreas que, segundo o sócio, «vão ter um desenvolvimento significativo nos próximos tempos, tendo em conta a agenda política».

A carteira de clientes da nova sociedade já soma mais de 200 no-

mes. A tendência será «aumentar de dia para dia. A maior parte dos clientes que tínhamos na Abreu Advogados não hesitou em seguir-nos, o que só prova a confiança e credibilidade da nossa sociedade», sublinha.

Os mercados de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné Bissau constituem uma grande parte dos clientes da Pares Advogados. No que toca a Angola, por exemplo, João de Freitas e Costa sublinha que «é um mercado com muitas especificidades. Mas temos de olhar para Angola como um outro mercado qualquer e é preciso adaptarmo-nos às suas especificidades e, claro, legislação».

Quanto à nova Lei de Investimento, aprovada recentemente pelo Governo angolano, o advogado refere que «não tem facilitado muito o trabalho das empresas, mas ainda é muito recente para falar sobre as suas repercussões».